

# O Milenarismo e os primeiros Concílios da igreja



## Foi o *Quiliasmo* condenado em Constantinopla?

Francis X. Gumerlock

# Escatologia como você nunca viu...

Fim dos tempos

Últimos dias

Fim do Mundo

Preterismo

Volta de Jesus

Profecia

Arrebatamento

Escatologia em geral

Apocalipse

Você encontra no mais completo portal sobre preterismo parcial e pós-milenista...



Revista Cristã  
Última Chamada



[www.revistacrista.org](http://www.revistacrista.org)

O Milenarismo  
e os primeiros  
Concílios da igreja

**Foi o *Quiliasmo*  
condenado em  
Constantinopla**

---

Francis X. Gumerlock

---

Tradução e adaptação textual  
por César Francisco Raymundo

---

Revista Cristã \_\_\_\_\_  
Última Chamada

**Título original em inglês:**

*Millennialism and the Early Church Councils: Was Chiliasm Condemned at Constantinople?*

by Francis X. Gumerlock

Fides et Historia 36:2 (Summer/Fall 2004):83-95

Saint Louis University

---

**Este artigo está disponível gratuitamente para download, em inglês, no site de Francis X. Gumerlock.**

**Site:** [www.francisgumerlock.com/](http://www.francisgumerlock.com/)

Acessado Terça-feira, 18 de Abril de 2017

---

Visando a divulgação do Preterismo e do Pós-milenismo, para a Glória de Deus, a *Revista Cristã Última Chamada* publica com design e profissionalismo artigos ou e-books disponíveis em outros sites para que venham edificar aos irmãos em Cristo. Agradecemos ao irmão Gary DeMar da American Vision por mais esta obra.

---

Revista Cristã Última Chamada publicada com a devida autorização e com todos os direitos reservados no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob nº 236.908.

Editor

César Francisco Raymundo

E-mail: [ultimachamada@bol.com.br](mailto:ultimachamada@bol.com.br)

Site: [www.revistacrista.org](http://www.revistacrista.org)

Londrina, Paraná,  
Abril de 2018.

# Índice

<b>Sobre o autor.....</b>	<b>06</b>
<b>Introdução</b>	
O Papel da História no Debate sobre o Milenarismo	07
<b>Parte 1_____</b>	
Os Concílios da Igreja Primitiva a respeito do Milênio	10
<b>Parte 2_____</b>	
Reivindicações sobre o Concílio de Constantinopla	12
<b>Parte 3_____</b>	
Cristologia Condenada, o Quiliasmo não!	15
<b>Parte 4_____</b>	
“Seu Reino não terá Fim”	18
<b>Parte 5_____</b>	
O Quiliasmo foi condenado no Concílio de Constantinopla?	22
<b>Conclusão</b>	
Concílios posteriores sobre o Milênio	24
<b>Bibliografia</b>	<b>28</b>
<b>Obras Importantes para Pesquisa</b>	<b>35</b>
<b>Patrocine esta obra!</b>	<b>38</b>



## Sobre o autor



**Francis X. "Frank" Gumerlock** - Ph.D.

Universidade de Saint Louis, Teologia Histórica e ensina o latim no Colorado. Seus interesses de pesquisa incluem a teologia da graça e a escatologia na história cristã.

Seus escritos incluem: *The Day and the Hour, The Seven Seals of the Apocalypse, Revelation and the First Century, Early Latin Commentaries on the Apocalypse and Gottschalk & A Medieval Predestination Controversy* .

## Introdução

•••••

# O Papel da História no Debate sobre o Milenarismo

Na área de estudos do milenarismo, o número de posições sobre a interpretação dos mil anos de Apocalipse 20:1-8 parece estar se expandindo. Algumas décadas atrás, uma discussão teológica dos principais pontos de vista sobre o Milênio consistia de geralmente duas ou três posições, o Pré-milenismo, o Amilenismo e, às vezes, o Pós-milenismo.<sup>2</sup> O livro de Robert Clouse de 1977, *The Meaning of the Millennium* [O significado do Milênio], expandiu o discurso para quatro visões - Amilenismo, Pós-milenismo e mais duas posições pré-milenistas, do Pré-milenismo histórico e Pré-milenismo dispensacionalista.<sup>3</sup> Essa abordagem de “quatro visões” foi seguida por Stanley J. Grenz em seu trabalho de 1992, *The Millennial Maze* [O Labirinto Milenar].<sup>4</sup> Mais recentemente, Gary D. Long's em *Context: Evangelical Views on the Millennium Examined* [Contexto: Visões Evangélicas no Milênio Examinado] analisou seis posições milenais dentro apenas do evangelicalismo, adicionando às categorias de Clouse as visões milenares do Dispensacionalismo, e uma posição distinta do Amilenismo chamado “nova aliança não-pré-milenismo”.<sup>5</sup> Para essas visões pode ser adicionado o

milénarismo militante, denominado não tanto por sua relação temporal com a Segunda Vinda de Cristo quanto por seu método violento de promover a utopia terrena<sup>6</sup> e o milénarismo secular, uma visão caracterizada como secular pela sua visão humanista de um novo período da história mundial.<sup>7</sup>

Apesar dessa expansão das visões do Milênio, o principal lugar do debate na bolsa de estudos é entre o Pré-milenismo e o Amilenismo. Os pré-milenistas professam que quando Cristo voltar, haverá um reinado literal de mil anos de Cristo como Rei sobre a Terra. Para os amilenistas, o reinado de mil anos de Cristo é uma realidade presente, e o número “Mil” sendo interpretado como uma figura sinédica da fala. Em outras palavras, o número limitado mil transmite a totalidade, semelhante à quando o salmista proclamou que o Senhor possui “*o gado em mil montes*” (Salmo 50:10).

Enquanto o principal campo de debate entre os pré-milenistas e seus opositores é a Escritura Sagrada, os estudiosos parecem estar empregando cada vez mais a história cristã em suas polêmicas.<sup>8</sup> Por exemplo, K. Neill Foster e David E. Fessenden organizaram suas publicações de 2002, *Essays on Premillennialism* [Ensaio sobre o Pré-milenismo], de modo que seus quatro primeiros ensaios são considerações históricas da posição pré-milenista. Anunciado como “uma afirmação moderna de uma antiga doutrina”, o livro começa com um estudo de Paul L. King sobre a antiguidade do Pré-milenismo em um artigo intitulado “*O Pré-Milenismo e a Igreja Primitiva*”. Ele cita pelo menos quatorze pais da igreja primitiva dos primeiros quatro séculos da história cristã que eram adeptos do Quiliasmo, um termo usado para a crença inicial em um Milênio literal na Terra.<sup>9</sup> Ele conclui que “a igreja mais antiga manteve esmagadoramente o ponto de vista pré-milenar”.<sup>10</sup> Em sua avaliação de que o Pré-milenismo era o ponto



de vista dos primeiros cristãos, King ecoa uma série de autores pré-milenistas contemporâneos, tanto populares e acadêmicos.<sup>11</sup>

O Regimento Caelorum do Amilenista Charles E. Hill, cuja segunda edição foi publicado em 2001, é inteiramente dedicado ao início da história das posições sobre o Milênio. Nesse estudo, Hill refuta a alegação de que havia um consenso pré-milenista na igreja primitiva, e mostra que havia muito mais variedade sobre o Milênio na igreja primitiva do que os pré-milenistas estão deixando transparecer. No segundo século, ele observa, que Justino Mártir tinha se referido a muitos cristãos como “puros e piedosos” que não possuíam visões milenaristas. Hill dá nomes e faces, identificando pelo menos dez grandes escritores cristãos do segundo e terceiro séculos como não-milenaristas. Suas declarações, Hill conclui, “nos permitem dizer com pouca ou nenhuma hesitação de que todos [daqueles a quem ele identificou] tinham expectativas não-milenárias do retorno de Cristo”.<sup>12</sup>

# 1<sup>a</sup> Parte

•••••

## Os Concílios da Igreja Primitiva a respeito do Milênio

O trabalho de Hill é significativo porque uma grande quantidade de literatura do Pré-milenismo o considera como “a” posição da igreja primitiva, na maior parte, e permaneceu não contestada pelos estudiosos cristãos.<sup>13</sup> Agora, se alguém coloca o número mil cedo nos pais da igreja lado a lado com o número que era não-milenário, o resultado é mais ou menos um empate. Os Amilenistas, anteriormente na defensiva quando se tratava de demonstrar a antiguidade de sua posição, agora parecem estar virando as mesas. Alguns, na tentativa de fortalecer sua posição e desacreditar a validade do Pré-milenismo, se focalizaram sobre os primeiros Concílios da Igreja, citando vários que alegadamente se opuseram ao milenarismo. Na superfície essas citações históricas parecem ser trunfos demonstrando a doutrina e superioridade do Amilenismo. Mas, após um exame mais minucioso, as reivindicações sofrem de uma severa falta de fundamentação.

Por exemplo, vários escritores afirmaram que o Concílio de Éfeso em 431 condenou a crença em um Milênio terrestre como uma superstição herética.<sup>14</sup> Ao fazerem isso alegam, no entanto, que nenhum dos escritores citou um cânone ou decreto associado

àquele Concílio em que a afirmação poderia razoavelmente ser deduzida. Norman P. Tanner em sua obra de referência de 1990, intitulada *Decrees of the Ecumenical Councils* [Os Decretos dos Concílios Ecumênicos], fornece o texto do grego e em latim de todos os documentos associados ao Concílio de Éfeso, com as traduções em inglês. Não só não há uma declaração deste Concílio condenando a crença em um Milênio terrestre, mas também não há um indício de que o assunto do Milênio chegou no Concílio como tópico de discussão.<sup>15</sup> A alegação é totalmente infundada.

## 2<sup>a</sup> Parte

•••••

# Reivindicações sobre o Concílio de Constantinopla

Um segundo Concílio da Igreja primitiva que trouxe o Milênio para o discurso cristão é o Concílio de Constantinopla, realizado no ano de 381. Para tentar minar o Pré-milenismo, vários escritores afirmaram que esse Concílio, também conhecido como Concílio Ecumênico, há muito tempo condenou a crença de que no final Cristo reinará com seus santos na Terra por mil anos.

Por exemplo, Alexander Mileant, um bispo da Igreja Ortodoxa Russa no exterior, escreveu recentemente:

“As visões milenares na antiguidade foram difundidas principalmente entre os hereges. O Segundo Concílio Ecumênico em 381 d.C., condenando o herético Apolinário, condenou seu ensinamento sobre o reino de mil anos de Cristo. Para pôr fim a novas tentativas de introduzir este ensino, os pais do Concílio inseriram no Credo as palavras sobre Cristo: “Seu reino não terá fim”.<sup>16</sup>

Em 1995, Averky Taushev escreveu de forma semelhante, dizendo:

“Deve-se estar atento e manter em mente que o Quiliasmo [milenarismo] foi condenado pelo Segundo Concílio Ecumênico no ano de 381; e, portanto, para acreditar nisso agora no século XX, mesmo em parte, é bastante imperdoável”.<sup>17</sup>

Novamente:

“Manter o Quiliasmo mesmo quando uma opinião particular não era mais permitida depois da Igreja, o segundo Concílio Ecumênico de 381, condenou o ensinamento do herético Apolinário sobre o reinado de mil anos de Cristo. Ao mesmo tempo, isso foi confirmado pela introdução do símbolo da fé nas palavras “seu reino não terá fim”.<sup>18</sup>

Em 1992, Columba Graham Flegg afirmou da mesma forma:

“Em 381 o segundo Concílio Ecumênico (Constantinopla I) condenou o ensinamento milenar de Apolinário junto com sua cristologia, e introduziu no Credo as palavras, “e o seu reino não terá fim”.<sup>19</sup>

Em resumo, esses autores afirmam que os bispos reunidos no Concílio de Constantinopla em 381 condenou especificamente o ensino de Apolinário de Laodicéia (390); e, a fim de conter seus ensinamentos sobre um reinado de mil anos de Cristo, eles inseriram no credo as palavras “Seu reino não terá fim”.

# 3<sup>a</sup> Parte

•••••

## Cristologia Condenada, o Quiliasmo não!

Que o Concílio de Constantinopla condenou Apolinário é evidente a partir do primeiro cânon do Concílio, mas o Concílio condenou o ensinamento milenarista de Apolinário? O Concílio inseriu a frase “Seu reino não terá fim” no Credo de Nicéia, mas se a frase foi introduzida a fim de impedir a propagação do milenarismo é digno de investigação. Verificar o propósito para o qual o Concílio foi convocado ajudará a fornecer respostas a estas perguntas.

O Concílio de Constantinopla foi chamado por causa de questões relacionadas a Trindade, Cristologia e Pneumatologia. Em 325, o Concílio de Nicéia condenou o Arianismo, que negava que o Filho era da mesma substância que o Pai. Mas para grande parte os arianos da metade do século IV controlavam o episcopado em Constantinopla, especialmente durante o reinado do imperador Valente. Após a morte de Valente em 378, a maré começou a mudar em favor daqueles que detinham a fé de Nicéia, ou seja, a crença na plena divindade de Cristo. No ano seguinte, o novo imperador Graciano fez seu ex-general Teodósio, um imperador comum. Uma das primeiras ordens de negócios para

Teodósio, que era um adepto da fé nicena, ocorreu em 380. Ele convocou os bispos de diferentes partes do Leste para vir a Constantinopla. O objetivo deste encontro, que agora é reconhecido como o segundo Concílio Ecumênico de 381, foi para garantir o triunfo da fé de Nicéia sobre o Arianismo e suas ramificações, incluindo alguns que estavam negando a divindade do Espírito Santo.<sup>20</sup> O Cânon 1 do Concílio mostra que os cento e cinquenta bispos em comparecimento adotaram o Credo Niceno e anatematizou vários hereges cujas visões cristológicas se opuseram à fé de Nicéia. Este anátema incluiu Apolinário. Sobre isto lemos:

“A profissão de fé dos santos pais que se reuniram em Nicéia, na Bitínia, não é para ser revogada, mas deve permanecer em vigor. Toda heresia deve ser anatematizada e, em particular, dos eunomianos ou anomoenses, dos arianos ou eudoxianos, dos semi-arianos ou Pneumatomachi, dos sabelianos, dos marcelianos, dos fotinianos e dos apolinarianos”.<sup>21</sup>

O Concílio de Constantinopla condenou e rejeitou o ensino de Apolinário, mas, no entanto, todos os hereges mencionados no Canon 1 de alguma forma contraditavam a fé de Nicéia com respeito à doutrina de Deus, mais especificamente à natureza e relacionamento do Filho e do Espírito Santo dentro da Divindade. Os apolinarianos não eram exceção, eles também estavam ensinando doutrina contrária à fé de Nicéia.

De acordo com J. N. D. Kelly, a heresia de Apolinário “consistia em sua recusa em admitir a integridade da humanidade do Senhor”.<sup>22</sup> Kelly continua:

“Inicialmente ele [Apolinário] baseou-se em uma antropologia dicotômica e ensinou que a natureza humana consistia simplesmente de um corpo, o lugar da alma sendo usurpada pela Palavra. Mais

tarde, tornando-se tricotomista, ele admitiu que Cristo possuía uma alma animal além de um corpo, mas negou-lhe uma alma racional humana”.<sup>23</sup>

Em resposta a essa falta da cristologia de Apolinário, o Concílio decidiu acrescentar uma frase ao seu Credo, uma versão mais longa do Credo de Nicéia, às vezes chamada de Credo Constantinopolitano.<sup>24</sup> Uma diferença entre esse credo e a versão mais curta do Credo Niceno, especialmente relevante para a questão em questão, é uma seção expandida sobre a Pessoa de Cristo. Para refutar o ensinamento dos apolinarianos, o Concílio não acrescentou as palavras “Seu reino não terá fim”; mas inseriu a frase “que desceu e tornou-se encarnado através do Espírito Santo e da Virgem Maria”.<sup>25</sup> Com esta frase, o Concílio estava transmitindo que o Filho não era apenas completamente divino, mas também totalmente humano, um ensino que os apolinarianos estavam negando.

Uma carta associada ao Concílio de Constantinopla demonstra que o objeto do anátema contra os apolinarianos era a sua Cristologia. Esta carta, escrita em nome dos cento e cinquenta bispos do Concílio, foi enviada para Roma. Depois de condenar a blasfêmia dos Eunomianos, Arianos e Pneumatomachi por dividirem a substância de Deus, os bispos abordaram a questão dos apolinarianos escrevendo:

“E preservamos sem distorções as contas da tomada da humanidade pelo Senhor, aceitando como fazemos que a economia de sua carne não era sem alma nem negligente nem imperfeita”.<sup>27</sup>

O Concílio de Constantinopla rejeitou o ensinamento de Apolinário de que em Cristo faltava uma alma humana racional. E foi a sua Cristologia que o Concílio rejeitou, não a sua Escatologia.<sup>28</sup>



Com relação à escatologia de Apolinário, verificar suas opiniões é difícil porque a maioria de suas obras literárias foram destruídas. Se Apolinário ensinou o Quiliasmo, essas visões podem ter sido registradas em seus comentários sobre os profetas, mas essas obras não existem mais.<sup>29</sup> Fontes externas aos seus próprios escritos, no entanto, indicam que ele provavelmente tinha opiniões sobre o Quiliasmo.<sup>30</sup> Estas incluem os contemporâneos de Apolinário, Basílio de Cesaréia e Gregório de Nazianzo, que o acusaram de “reintroduzir um” segundo Judaísmo, “defendendo uma esperança Quiliástica.”<sup>31</sup> Por outro lado, pelo menos os contemporâneos de Apolinário, Epifânio de Salamina, não acreditavam que ele ensinasse o Quiliasmo.<sup>32</sup>

Independentemente de Apolinário ser um milenarista ou não, a partir dos registros do Concílio de Constantinopla não há provas de que a Escatologia de Apolinário foi ainda discutida no Concílio, muito menos seu suposto Quiliasmo foi o assunto de condenação. Os fatos são estes: o Concílio de Constantinopla rejeitou o ensino de Apolinário e ele foi provavelmente um Quiliasta [milenarista]. Mas o Concílio de Constantinopla rejeitou a Cristologia de Apolinário, não o seu Quiliasmo.

# 4<sup>a</sup> Parte

•••••  
“Seu Reino não  
terá Fim”

Se o Concílio introduziu a frase “*Seu reino não terá fim*”, para impedir que as crenças quiliastas de Apolinário se espalhassem é outra questão que merece consideração. O Concílio de Constantinopla inseriu essa frase no credo, mas segundo os melhores estudos patrísticos, não teve nada a ver com o milenarismo dos ensinamentos de Apolinário. Pelo contrário, foi uma reação à Cristologia heterodoxa de Marcelo, um professor do século IV de Ancira na Galácia. Os seguidores de seu ensino foram rotulados “Marcelianos” no Canon 1 do Concílio.

Sobre o assunto da Trindade, Marcelo ensinou que as distinções na Divindade - o Pai, o Filho e o Espírito Santo - não eram eternas, mas apenas temporais. Em um recente estudo sobre Marcelo, Joseph Lienhard descreveu o entendimento padrão do trinitarianismo de Marcelo:

“A maioria dos resumos da teologia de Marcelo seguem o mesmo padrão. Deus é um Mônada para o propósito da criação, Ele se expande em uma díade e é Pai e Logos. Em um momento particular da história, o Logos tornou-se encarnado no ventre de Maria, a Virgem, e assim também tornou-se “Filho”. Na noite da Páscoa, Cristo enviou o Espírito e Deus agora é uma Tríade. No fim dos tempos Cristo entregará o Reino ao Pai, e Deus será tudo em todos,

mais uma vez Mônada. Em outras palavras, a Mônada que se expande por etapas em uma Tríade e depois se contrai novamente em uma Mônada é considerado o elemento definidor da teologia de Marcelo”.<sup>33</sup>

Para resumir, Marcelo acreditava que, para o propósito de criação e salvação, o único Deus se expandiu em dois, o Pai e o Filho. Deus então se expandiu depois em três. No fim do mundo, depois que o Filho entregar todas as coisas ao Pai, o Filho será absorvido de volta à Divindade, momento em que Deus seria estritamente Um novamente. Marcelo baseou essa crença errônea em uma Trindade temporal em 1ª Coríntios 15:24-28, que diz que o Filho entregará o reino ao Pai e que Deus será tudo em todos.

Vários Concílios locais no quarto século rejeitaram este ensinamento de Marcelo como contrário ao Evangelho, e inseriu declarações em seus Credos para especificamente contrapor sua teologia. Afirmando que o Filho foi gerado do Pai antes de todas as eras, estes Credos locais já continham declarações de que o Filho era eterno, no sentido de sempre existente na eternidade passada. No entanto, para se proteger contra o ensino de Marcelo, as igrejas agora consideraram necessário fornecer uma declaração de que o Filho de Deus também continuará para sempre e permanecerá Deus e Rei na eternidade futura. É neste contexto que o Concílio de Constantinopla introduziu a frase “Seu reino não terá fim”.

O desenvolvimento histórico desta inserção pode ser rastreado até o primeiro e terceiro Credos propostos em um sínodo em Antioquia em 341, quarenta anos antes do Concílio de Constantinopla. O primeiro Credo diz:

“(Acreditamos) que Ele sofreu, foi ressuscitado da morte e voltou para o Céu; que Ele se assenta à direita do Pai e virá novamente para

julgar os vivos e os mortos, e permanece Deus e Rei por toda a eternidade”.

O terceiro Credo professou que o Filho unigênito “virá novamente com glória e pode julgar os vivos e os mortos, e permanece eternamente”.<sup>34</sup> Nestas afirmações dos Credos, o foco das frases anti-marcelianas era a Pessoa do Filho, e a firme convicção de que Ele permanecerá para sempre.

Para combater o ensinamento de Marcelo, um patriarca da igreja de Jerusalém, chamado Cirilo, no meio do século fez uso da frase de Lucas 1:33 — “*Seu reino terá fim*”.<sup>35</sup> A palestra Catequética 15 de Cirilo mostra claramente que a introdução dessa frase não tinha nada a ver com os ensinamentos de Apolinário, mas tudo a ver com a Cristologia pouco ortodoxa de Marcelo. Cirilo escreveu:

“E se alguma vez ouvisses dizer contra a heresia de que o reino de Cristo terá um fim; é outra cabeça do dragão, surgida recentemente na Galácia. Um certo ousou afirmar que, depois do fim do mundo, Cristo não reinará mais; ele também se atreveu a dizer que a Palavra que sai do Pai será novamente absorvida pelo Pai e não haverá mais; proferindo tais blasfêmias para sua própria perdição. Porque ele não tem escutado ao Senhor, dizendo: O filho permanece para sempre. Ele não ouviu a Gabriel, dizendo: E ele reinará sobre o casa de Jacó para sempre, e de Seu reino não haverá fim... Davi também diz em outro lugar, o teu trono, ó Deus, é para todo o sempre”.<sup>36</sup>

Cirilo não mencionou pelo nome à pessoa que ensinou a heresia, mas ele diz que ele era da Galácia, a região em que Marcelo residia. Para combater a doutrina de Marcelo sobre uma Trindade temporária, na qual o Filho no fim do mundo é absorvido ao Pai, Cirilo citou várias passagens das Escrituras afirmando que o Filho permanecerá para sempre. Uma delas foi Lucas 1:33. Várias décadas depois, o Concílio Ecumênico de Constantinopla, baseando-se nesses costumes locais, também

inseriu a frase de Lucas 1:33, “Seu reino não terá fim” no Credo expandido de Nicéia.

Vários estudiosos patrísticos modernos confirmam que o Concílio inseriu a frase em resposta à teologia de Marcelo, e não a Apolinário. John Voelker escreveu que foi Marcelo que foi para sempre lembrado no “pronunciamento do Credo Niceno constantinopolitano de 381, “e do seu reino não haverá fim...”.<sup>37</sup> Da mesma forma, Rebecca Lyman observou que a frase “foi inserida no Credo para refutar sua [de Marcelo] interpretação de 1ª Coríntios 15:24-28”.<sup>38</sup>

Em resumo, o Concílio de Constantinopla introduziu a frase “Seu reino não terá fim” no Credo. No entanto, isso não foi feito para impedir a disseminação do Quiliasmo de Apolinário. Não tinha nada a ver com Apolinário nem com o Milênio. Isto foi inserido como uma refutação escritural da Cristologia heterodoxa de Marcelo, que ensinou que no eschaton [fim] o Filho não existiria mais.



# 5<sup>a</sup> Parte

## O Quiliasmo foi condenado no Concílio de Constantinopla?

Foi demonstrado que, em um esforço para adicionar argumentos históricos à sua rejeição do Pré-milenismo, vários escritores contemporâneos afirmaram que o Concílio de Constantinopla em 381 condenou as crenças milenaristas de Apolinário e acrescentou ao Credo a frase “Seu reino não terá fim” para combater a crença em um reinado literal de mil anos de Cristo. Tem sido demonstrado, no entanto, que o Concílio discordou dos seguidores Apolinário não por causa de sua crença em um Milênio terrestre, mas por causa de sua Cristologia defeituosa. No apolinarianismo, a humanidade de Cristo carecia de uma alma racional completa, e os bispos no Concílio viram essa noção de Cristo como inconsistente com o Novo Testamento. Além disso, por parte do Concílio, a inserção da frase de Lucas 1:33 no Credo, “Seu reino não terá fim”, não teve nada a ver com o Quiliasmo de Apolinário.

Pelo contrário, era um caminho para os cristãos do século IV se protegerem contra a falsa Cristologia de Marcelo de Ancira, que erroneamente ensinou que no eschaton o Deus Filho deixará de existir como uma pessoa distinta da Trindade.

Isto não implica que os bispos presentes no Concílio de Constantinopla, todos da parte oriental do Império, apoiaram o Quiliasmo, pois este não era o caso. Enquanto muitos pais da igreja do segundo e terceiro séculos possuíam crenças quiliastas, no final do século IV, o Quiliasmo era geralmente visto com desfavor no Oriente. No entanto, o fato de muitos pais da igreja oriental considerarem a crença errônea em um Milênio, é uma coisa. Agora, dizer que o Concílio Ecumênico de Constantinopla condenou o Quiliasmo é outra.

O exegeta erudito do século XVII, Cornelius a Lapide, que não era pré-milenista, disse que não poderia encontrar nenhum Concílio inicial que condenasse o Quiliasmo como herético.<sup>39</sup> Mais recentemente, Desmond Birch sabiamente distinguiu entre a Cristologia de Apolinário, que foi condenado no Concílio de Constantinopla, de seus ensinamentos milenares, que “não foram oficialmente condenados” no Concílio.<sup>40</sup> O Concílio de Constantinopla condenou o Quiliasmo? A resposta é “Não”.



## Conclusão

# ConcÍlios posteriores sobre o Milênio

Quando a era patrística chegou ao fim, o Quiliasmo caiu cada vez mais em descrédito. A maioria acreditava que suas origens eram suspeitas - que a crença em um Milênio literal era derivada de escritos apócrifos judaicos, os escritos do gnóstico Cerinto, ou o pai ignorante da igreja, Papias.<sup>41</sup> Outros expressaram desaprovação, dizendo que as esperanças estavam focadas na direção errada, na carne e no mundo, e não no Céu e o Mundo por vir. Eles viram no Quiliasmo, que sustentava que no reino milenar as pessoas ainda comem, bebem, casam e geram crianças, contradizendo o ensino de Jesus de que não há casamento depois da ressurreição (Mateus 22:30), e a declaração de Paulo de que “*o reino de Deus não é uma questão de comida e bebida*” (Romanos 14:17). Ainda outros acreditavam que o Quiliasmo, com sua noção de um futuro Templo em Jerusalém, com sacrifícios de animais, foi uma reversão para as práticas do Antigo Testamento, sombras que já haviam sido cumpridas em Cristo.

No início da Idade Média, vários escritores cristãos associaram o Quiliasmo com heresia.<sup>43</sup> No entanto, a esperança de um Reino milenar sobreviveu no Oriente em círculos sírios, e no Ocidente, na crença de que haveria um tempo de descanso para o santos após a morte do Anticristo.<sup>44</sup> O Quiliasmo foi revivido no final



da Idade Média através da influência dos escritos do abade Joaquim de Fiore e seus seguidores. Mais tarde, certos exegetas protestantes do século XVII popularizaram-no em suas respectivas comunidades de fé.

Quanto aos primeiros Concílios, nenhum abordou explicitamente a crença em um Reino milenar. Isso já foi demonstrado nos casos do Concílio de Constantinopla I em 381 e do Concílio de Éfeso em 430. O Concílio de Constantinopla II em 553 anatematizou qualquer um que sustentasse que o Reino de Cristo teria um fim, mas como a inserção anterior de Lucas 1:33 no Credo, esta declaração não foi dirigida contra as crenças quiliastas.<sup>47</sup> Neste caso, foi dirigido contra o conceito cíclico de tempo dos Origenistas e a crença na eventual absorção de todas as coisas em Deus. Os Origenistas acreditavam que Deus desde toda a eternidade criou uma sucessão de eras e que esta sucessão e retorno de novos mundos acabaria resultando em um único mundo de “Entendimento”. Então Deus seria “tudo em todos”, e todos os humanos, anjos e até mesmo Satanás deixariam de ser inimigos de Deus. Os opositores dos Origenistas acreditavam que o ensino implícito do Reino de Cristo, um dia chegaria ao fim, e, portanto, que o filho era inferior ao Pai.<sup>48</sup>

Portanto, incluíam o anátema mencionado anteriormente. De acordo com o estudo de Elizabeth Clark sobre a controvérsia origenista, os anti-origenistas raciocinaram que “se o reinado de Cristo terminasse, assim também sua divindade, e então Ele deixará de ser um com Deus”.<sup>49</sup> Como o Cânon 1 do Concílio de Constantinopla em 381, o foco do anátema foi a Cristologia defeituosa.

No oitavo século, durante a controvérsia iconoclasta, um Concílio eclesiástico reuniu-se em Hieria em 754. Convocada por iconoclastas que se opunham à prática bizantina de retratar os

santos em afrescos e estátuas, o Concílio passou o Canon 18. Nele se lê:

“Se alguém não confessar a ressurreição dos mortos, e o julgamento e a recompensa, de acordo com o mérito de cada um, julgados pelas justas escalas de Deus, e [não confessa] que a punição não tem fim nem o reino dos céus que é o gozo de Deus - porque o reino dos céus não é comida e bebida, mas justiça, paz e alegria no Espírito Santo, de acordo com o santo apóstolo – seja anátema”.<sup>50</sup>

Interpretando o propósito desse anátema, Stephen Gero sugeriu que os iconoclastas entendiam que, a prática de seus oponentes de criar imagens sem vida dos santos, tinha implicações negativas sobre a Escatologia. Por exemplo, se alguém pensasse que os santos, com todas as suas virtudes, poderiam ser representados em uma pintura ou estátua, tal crença é igual a negar a glória dos santos aos olhos de Deus, na ressurreição e na fé de Cristo no Reino Celeste.<sup>51</sup> Como no caso dos Concílios mencionados anteriormente, as crenças não foram alvo de ataque no Concílio de Hieria. No entanto, de todos os decretos dos primeiros Concílios da Igreja, sua descrição no Canon 18 sobre o Reino de gozo de Deus como espiritual e sem fim, ao invés de um reinado terreno de mil anos, é talvez o mais próximo que qualquer um chegou a endossar uma posição que se assemelha ao Amilenismo. Mas certamente não há nenhuma condenação do Quiliasmo. O Conselho de Hieria foi finalmente derrubado pelo Concílio iconofílico de Nicéia em 787, e como resultado seus cânones tiveram influência mínima na história cristã subsequente.

Segundo o teólogo histórico Jaroslav Pelikan, as crenças quiliastas escaparam do anátema oficial por todos os primeiros Concílios, porque eles não negaram o Credo. A investigação dos

cânones dos primeiros Concílios da mesma forma não descobriu uma condenação do Quiliasmo por eles.

Os estudiosos cristãos que procuram usar os Credos e Concílios históricos para depreciar a crença contemporânea em um Milênio literal vão encontrar um reservatório mais promissor de observações condenatórias nos Credos protestantes do século XVI, por exemplo, na segunda Confissão Helvética dos Calvinistas e em uma versão inicial dos Artigos da Religião da Igreja da Inglaterra.<sup>53</sup> Também foram pronunciados pronunciamentos pungentes contra o Quiliasmo publicado no século passado em várias publicações oficiais católicas romanas.<sup>54</sup> O Concílio de Constantinopla em 381 nem qualquer dos Concílios ecumênicos antigos da igreja condenou explicitamente o Quiliasmo.



# Bibliografia

- <sup>1</sup> A portion of this article was delivered as a paper entitled “Gospel Proclamation and the Millennium: Did the Council of Constantinople Condemn Chiliasm?” at the Midwest regional meeting of the Evangelical Theological Society held at Wheaton College, March 22-23, 2002.
- <sup>2</sup> Charles L. Feinberg, *Premillennialism or Amillennialism?* (Chicago: Moody, 1961); John F. Walvoord, *The Millennial Kingdom* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1959).
- <sup>3</sup> Robert Clouse, ed., *The Meaning of the Millennium: Four Views* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1977).
- <sup>4</sup> Stanley J. Grenz, *The Millennial Maze: Sorting Out Evangelical Options* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1992).
- <sup>5</sup> Gary D. Long, *Context: Evangelical Views on the Millennium Examined* (Charleston, SC: Great Unpublished, 2001). Printed for Sovereign Grace Ministries of Colorado, and available online at [www.booksurge.com](http://www.booksurge.com).
- <sup>6</sup> Catherine Wessinger, *How the Millennium Comes Violently* (New York: Seven Bridges, 2000); Wessinger, *Millennialism, Persecution, and Violence: Historical Cases* (Syracuse, NY: Syracuse University Press, 2000); R. J. McKelvey, *The Millennium and the Book of Revelation* (Cambridge, England: Lutterworth, 1999), 17-18.
- <sup>7</sup> Studies of secular millennial movements are included in Richard A. Landes, ed., *Encyclopedia of Millennialism and Millennial Movements* (New York: Routledge, 2000), and are frequently featured in the interdisciplinary *Journal of Millennial Studies*, a periodical published by The Center for Millennial Studies at Boston University.
- <sup>8</sup> On scriptural grounds, Kim Riddlebarger, *A Case for Amillennialism: Understanding the End Times* (Grand Rapids, MI: Baker, 2003); Robert L. Thomas, “The Kingdom of Christ in the Apocalypse,” and Kenneth L. Barker, “Premillennialism in the Book of Daniel,” in Richard L. Mayhue and Robert L. Thomas, eds., *The Master’s Perspective on Biblical Prophecy* (Grand Rapids, MI: Kregel, 2002), 140-64, 209-28; David J. Englesma, *Christ’s Spiritual Kingdom: A Defense of Reformed Amillennialism* (Redlands, CA: Reformed Witness, 2001); Donald Garlington, “Reigning with Christ: Revelation 20:1-6 and the Question of the Millennium,” *Reformation and Revival* 6 (1997): 53-100; Jeffrey L. Townsend, “Is the Present Age the Millennium?” and John F. Walvoord, “Is Satan Bound?” in Roy B. Zuck, ed., *Vital Prophetic Issues* (Grand Rapids, MI: Kregel, 1995), 68-82, 83-95.

<sup>9</sup> These include the author of *The Epistle of Barnabas*, Papias, Justin Martyr, Theophilus, Melito of Sardis, Irenaeus, Tertullian, Julius Africanus, Commodian, Lactantius, Nepos, Methodius, Victorinus, and Apollinaris.

<sup>10</sup> Paul L. King, “Premillennialism and the Early Church,” in K. Neill Foster and David E. Fessenden, eds., *Essays in Premillennialism* (Camp Hill, PA: Christian Publications, 2002), 1-12 at 8.

<sup>11</sup> Mark Hitchcock, *101 Answers to the Most Asked Questions About the End Times* (Sisters, OR: Multnomah, 2001), 20; Grant R. Jeffrey, *Triumphant Return: The Coming Kingdom of God* (Toronto, Canada: Frontier Research Publications, Inc., 2001), 56; Tim LaHaye, *Revelation Unveiled* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1999), 331; Larry Crutchfield, “The Blessed Hope and the Tribulation in the Apostolic Fathers,” in Thomas Ice and Timothy Demy, *When the Trumpet Sounds* (Eugene, OR: Harvest House, 1995), 85-103 at 86; Crutchfield, *The Origins of Dispensationalism: The Darby Factor* (New York: University Press of America, 1992), 188; Harold W. Hoehner, “Evidence from Revelation 20,” in Donald K. Campbell and Jeffrey L. Townsend, eds., *A Case for Premillennialism: A New Consensus* (Chicago: Moody, 1992), 235-62 at 243.

<sup>12</sup> Charles E. Hill, *Regnum Caelorum: Patterns of Millennial Thought in Early Christianity*, 2<sup>nd</sup> ed. (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2001), 249. The first edition was published in 1992.

<sup>13</sup> Before Hill, Alan Patrick Boyd’s master’s thesis [“A Dispensational Premillennial Analysis of the Eschatology of the Post-Apostolic Fathers (Until the Death of Justin Martyr),” (Dallas Theological Seminary, 1977)] challenged the assertion that “premillennialism is the historic faith of the Church.” It concluded that “seminal amillennialism, and not nascent dispensational premillennialism ought to be seen in the eschatology of the period” (p.91). D. H. Kromminga [The Millennium in the Early Church (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1945), 29-50] also argued against the claim that nearly the entire early church was premillennial.

<sup>14</sup> Andrew Bradstock, “Millenarianism in the Reformation and the English Revolution,” in Stephen Hunt, ed., *Christian Millenarianism from the Early Church to Waco* (Indianapolis, IN: Indiana University Press, 2001), 77-87 at 77; Eugene Weber, *Apocalypses: Prophecies, Cults, and Millennial Beliefs through the Ages* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1999), 147; McKelvey, *The Millennium and the Book of Revelation*, 14; Grant Underwood, *The Millenarian World of Early Mormonism* (Chicago: University of Illinois Press, 1993), 17; William Alnor, *Soothsayers of the Second Advent* (Old Tappan, NJ: Fleming H. Revell, 1989), 55; Walter Price, *The Coming Antichrist* (Chicago: Moody, 1974), 27; Peter Toon, *Puritans, The Millennium and the Future of Israel: Puritan Eschatology 1600 to 1660* (London: James Clarke, 1970), 17; André Feuillet, *The Apocalypse* (Staten Island, NY: Alba House, 1965), 119.

<sup>15</sup> Norman P. Tanner, ed., *Decrees of the Ecumenical Councils, Vol. 1* (Washington, D.C.: Georgetown University Press, 1990), 37-74.

<sup>16</sup> Alexander Mileant, “The End of the World and Eternal Life...Addendum: The Inconsistency of Chiliasm” (La Canada, CA: Holy Trinity Orthodox Mission, 2001). Online at <http://www.fatheralexander.org>

- 17 Averky Taushev, "Sermon on 'Neo-Chiliasm'" in his *The Apocalypse in the Teachings of Ancient Christianity* (Platina, CA: St. Herman of Alaska Brotherhood, 1995), 288.
- 18 Taushev, *The Apocalypse in the Teachings of Ancient Christianity*, 258.
- 19 Columba Graham Flegg, *'Gathered Under Apostles' A Study of the Catholic Apostolic Church* (Oxford, England: Clarendon, 1992), 295.
- 20 Recent literature on the Council of Constantinople I includes Norman P. Tanner, *The Councils of the Church: A Short History* (New York: Crossroad, 2001); J. N. D. Kelly, *Early Christian Doctrines*, 5th rev. ed. (London: A & C Black, 1977; New York: Continuum, 2000); Peter L'Huillier, *The Church of the Ancient Councils: The Disciplinary Work of the First Four Ecumenical Councils* (Crestwood, NY: St. Vladimir's Seminary Press, 1996); Paul Onica, "The Council of Constantinople," *Affirmation and Critique* 1 (1996): 45-6; Ignacio Ortiz de Urbina, *Nicée et Constantinople* (trans. Francesco Masiello. Vatican City: Libreria Editrice Vaticana, 1994); Frances Young, *The Making of the Creeds* (London: SCM Press, Ltd., 1991).
- 21 Tanner, *Decrees of the Ecumenical Councils*, 1: 31. An English translation of Canon 1 is also in NPNF, 2nd series, 14:172.
- 22 J. N. D. Kelly, *Early Christian Creeds*, 3rd ed. (New York: Longmans, 1972, 1981), 334.
- 23 Kelly, *Early Christian Creeds*, 334. Recent studies on Apollinaris include Kelly McCarthy Spoerl, "The Liturgical Argument in Apollinaris: Help and Hindrance on the Way to Orthodoxy," *Harvard Theological Review* 91 (1998): 127-52; McCarthy Spoerl, "Apollinarian Christology and the Anti-Marcellan Tradition," *Journal of Theological Studies* 45 (1994): 545-68; Ekkehard Muhlenberg, "Zur exegetischen Methode des Apollinaris von Laodicea," in Johannes von Oort and Ulrich Wickert, eds., *Christliche Exegese zwischen Nicaea und Chalcedon* (Kampen, Netherlands: Kok Pharos, 1992), 132-47; Rowan Greer, "The Man from Heaven: Paul's Last Adam and Apollinaris' Christ," in William S. Babcock, ed., *Paul and the Legacies of Paul* (Dallas, TX: Southern Methodist University Press, 1990), 165-82.
- 24 F. L. Cross and E. A. Livingstone, eds., *The Oxford Dictionary of the Christian Church*, 3rd ed. (New York: Oxford University Press, 1997), 1145-6.
- 25 Kelly, *Early Christian Creeds*, 333.
- 26 The Council of Chalcedon (451) was even more explicit saying, "This selfsame one is actually god [sic] and actually man, with a rational soul and a body." John H. Leith, ed., *Creeds of the Churches*, Revised ed. (Atlanta, GA: John Knox, 1973), 35-6.
- 27 Tanner, *Decrees of the Ecumenical Councils*, 1: 28.
- 28 Charles Joseph Hefele, *A History of the Councils of the Church from the Original Documents*, 5 vols. (1883-1886; reprinted New York: AMS Press, 1972), 2:348.
- 29 Johannes Quasten, *Patrology*, Vol. 3 (Westminster, MD: Christian Classics, 1986), 377-8.

30 E. Prinzivalli, “Il millenarism in Oriente da Metodio ad Apollinare,” *Annali di storia dell’esegesi* 15 (1998):138-51; Desmond A. Birch, *Trial, Tribulation & Triumph Before, During, and After Antichrist* (Santa Barbara, CA: Queenship, 1996), lxi, no. 30: “The heretic Apollinaris... was the last major Eastern advocate of Millenarism [sic].”

31 Brian Daley, “Chiliasm,” in Everett Ferguson, ed., *Encyclopedia of Early Christianity*, 2<sup>nd</sup> ed., 2 vols. (New York: Garland, 1997), 1:240. Objections of Apollinaris’ contemporaries to his alleged chiliasm are in Basil of Caesarea, Letters 263.4 and 265.2 in FC 28:241,245-248; and Gregory of Nazianzus, Letters 101.63-65 and 102.14 in SC 208: 65, 77; *Carminum liber* 2.1.30 in PG 37:1296-1297.

32 Epiphanius of Salamis, *Panarion* 77.36.5 in Philip R. Amidon, trans., *The Panarion of St. Epiphanius, Bishop of Salamis* (New York: Oxford University Press, 1990), 346: “Others have claimed that the old man [Apollinaris] said that in the first resurrection we will complete a thousand-year period in which we will live in the same way as now, so that we will observe the law and the other things and all the usages which exist in the world, participating in marriage and circumcision and the rest. Now we do not believe for one moment that he taught this, but some have affirmed that he said this.”

33 Joseph T. Lienhard, *Contra Marcellum: Marcellus of Ancyra and Fourth-Century Theology* (Washington, D. C. : Catholic University of America Press, 1999), 49-50. Lienhard, however, differs with this traditional understanding of Marcellus’ theology. Other recent studies on Marcellus include Alastair H. B. Logan, “Marcellus of Ancyra, defender of the faith against Heretics—and pagans,” *Studia Patristica* 37 (2001):550-64; Logan, “Marcellus of Ancyra (Pseudo-Anthimus), ‘On the Holy Church’. Text, Translation, and Commentary,” *Journal of Theological Studies* 51 (2000): 81-112; Logan, “Marcellus of Ancyra on Origen and Arianism,” in Wolfgang A. Bienert and Uwe Kuhneweg, eds., *Origenia Septima* (Louvain: Peeters, 1999), 156-63; Logan, “Marcellus of Ancyra and the Councils of AD 325: Antioch, Ancyra, and Nicaea,” *Journal of Theological Studies* 43 (1992): 428-46.

34 Hefele, *A History of the Councils of the Church* 2:76,79-80.

35 Lienhard, *Contra Marcellum*, 196.

36 Cyril of Jerusalem, *Catechetical Lectures* 15:27-28, NPNF, 2<sup>nd</sup> series 7:289.

37 John Voelker, Book review of Joseph T. Lienhard’s *Contra Marcellum*, *Journal of Early Christian Studies* 8:1 (2000):120-121 at 120.

38 Rebecca Lyman, “Marcellus of Ancyra” in Ferguson, *Encyclopedia of Early Christianity*, 2:713-4.

39 Cornelius a Lapide, *Commentaria in Apocalypsin S. Joannis* 20:1-2. In Cornelius a Lapide, *Commentaria in Scripturam Sacram*, Vol. 21 (Paris: Apud Ludovicum Vivès, Bibliopolam Editorem, 1875), 346. “And so this is the error of the Millenarians. I do not dare to say heresy because I have not uncovered any clear Scriptures or Decrees of Councils in which this opinion is condemned as heretical.” Italics mine. According to J. R. Armogathe [“*Per Annos Mille: Cornelius a Lapide and the Interpretation of Revelation 20:2-8*” in Karl A. Kottman, ed., *Millenarianism and Messianism in Early Modern European Culture*, Vol. 2

(Boston, MA: Kluwer Academic Publishers, 2001), 45-51 at 49], “Cornelius states that it [millenarianism] is an error, which he would not tax as heretical, since the Councils never did it...”

40 Birch, *Trial, Tribulation & Triumph*, lxi, note 30.

41 On the relationship of early Christian chiliasm to ancient Jewish writings such as 1 Enoch, 2 Esdras, and 2 Baruch, Charles E. Hill, “Cerinthus, Gnostic or Chiliasm? A New Solution to an Old Problem,” *Journal of Early Christian Studies* 8 (2000): 135-72 at 165, no. 84; John Bray, *The Early Church and the Millennium* (Lakeland, FL: John Bray Evangelistic Association, 2000), 6; Paula Fredriksen, “Apocalypse and Redemption in Early Christianity from John of Patmos to Augustine of Hippo,” *Vigilae Christianae* 45 (1991): 151-83 at 152, 169, no. 7, 9; Michael Kalafian, “Historical Overview of the Millennium,” chapter one of his *The Prophecy of the Seventy Weeks of the Book of Daniel* (New York: University Press of America, 1991), 23-52 at 35-6; Robert L. Wilken, “Early Christian Chiliasm, Jewish Messianism, and the Idea of the Holy Land,” *Harvard Theological Review* 79 (1986): 298-307. Still helpful also are Jean Daniélou, “Millenarianism,” chapter fourteen in his *The Theology of Jewish Christianity* (trans. John A Baker. Chicago: Henry Regnery, 1964), 377-404; and Léon Gry, *Le millénarisme dans ses origines et son développement* (Paris: Alphonse Picard et Fils, 1904), 9-32.

42 Dionysius of Alexandria, *On the Promises* 3; Origen, *On First Principles* 2.9.2; Eusebius, *Hist. eccl.* 3.28; 3.39; 7.24; Epiphanius, *Panarion* 77.38; Basil of Caesarea, *Letters* 263.4; 265.2; Gregory of Nazianzus, *Letters* 101.63-5; 102.14; *Carminum liber* 2.1.30; Gregory of Nyssa, *Letters* 3.24; and Jerome, *Epistle* 49. A complete list of Jerome’s many anti-chiliasm statements is in Helle Newman, “Jerome’s Judaizers” *Journal of Early Christian Studies* 9 (2001):421-52. Hans Beitenhard [“The Millennial Hope in the Early Church,” *Scottish Journal of Theology* 6 (1953): 12-30 at 17] also mentioned the early church’s fight against Montanism and Marcionism as factors influencing its rejection of chiliasm.

43 Isidore of Seville, *Book on Heresies*, 9. PLS 4:1816; Beatus of Liebana, *Twelve Books on the Apocalypse*, Book 11, cited in Bernard McGinn, *Visions of the End: Apocalyptic Traditions in the Middle Ages* (New York: Columbia University Press, 1979, 1999), 78-9.

44 In the Syrian tradition, a form of chiliasm is evident in the writings of Stephen Bar Sudaili. A.L. Frothingham, Jr., *Stephen Bar Sudaili the Syrian Mystic and The Book of Hierotheos* (Leyden: Brill, 1886), 35-43. On how chiliasm survived in the West, Robert E. Lerner, “The Medieval Return to the Thousand-Year Sabbath,” in Richard K. Emmerson and Bernard McGinn, eds., *The Apocalypse in the Middle Ages* (Ithaca, NY: Cornell University Press, 1992), 51-71; Lerner, “Refreshment of the Saints: The Time After Antichrist as a Station for Earthly Progress in Medieval Thought,” *Traditio* 32 (1976): 97-144.

45 Eugen Weber, *Apocalypses: Prophecies, Cults, and Millennial Beliefs through the Ages* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1999), 41-60; Marjorie Reeves, *The Influence of Prophecy in the Later Middle Ages: A Study in Joachimism* (Notre Dame, IN: University of Notre Dame Press, 1993); Bernard McGinn, *The Calabrian Abbot: Joachim of Fiore in the History of Western Thought* (New York: Macmillan, 1985); William A. BeVier, “Chiliasm in the Later Middle Ages,” master’s thesis (Dallas Theological Seminary, 1955).



<sup>46</sup> Kottman, *Millenarianism and Messianism in Early Modern European Culture*; Bradstock, "Millenarianism in the Reformation and English Revolution;" Howard Hotson, *Paradise Postponed: Johann Heinrich Alsted and the Birth of Calvinist Millenarianism* (Boston: Kluwer, 2000); Francis X.

Gumerlock, *The Day and the Hour: A Chronicle of Christianity's Perennial Fascination with Predicting the End of the World* (Powder Springs, GA: American Vision, 2000), 145-93; Frederic J. Baumgartner, *Longing for the End: A History of Millennialism in Western Civilization* (New York: St. Martin's Press, 1999); Jerry L. Summers, "Millennialism, Globalization, and History," *Fides et Historia* 31 (1999), 1-11; B. S. Capp, "The Millennium and Eschatology in England," *Past and Present* 57 (1972):156-62; James A. De Jong, *As the Waters Cover the Sea: Millennial Expectations in the Rise of Anglo-American Missions 1640-1810* (Kampen: J.H. Kok, 1970).

<sup>47</sup> Hefele, *A History of the Councils of the Church*, 4:228.

<sup>48</sup> Epiphanius, *Panarion*, Preface, 64.

<sup>49</sup> Elizabeth Clark, *The Origenist Controversy: The Cultural Construction of an Early Christian Debate* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1992), 108-112 at 112. Cf. Aloys Grillmeier, "The Twofold Condemnation of the Origenists," chapter three in his *Christ in the Christian Tradition*, Vol. 2, Part 2 (trans. John Cawte and Pauline Allen. London: Mowbray, 1995), 385-410; John Meyendorff, "The Origenist Crisis of the Sixth Century," chapter three of his *Christ in Eastern Christian Thought* (Crestwood, NY: St. Vladimir's Seminary Press, 1975), 47-68.

<sup>50</sup> Quoted in Stephen Gero, *Byzantine Iconoclasm During the Reign of Constantine V. Corpus Christianorum Orientalium* 384 (Louvain: Secrétariat du Corpus SCO, 1977), 91-2.

<sup>51</sup> Gero, *Byzantine Iconoclasm*, 107-8. Cf. Canon 16 & 17 on page 91.

<sup>52</sup> Jaroslav Pelikan, *The Christian Tradition: A History of the Development of Doctrine*. Vol. 1: *The Emergence of the Catholic Tradition (100-600)* (Chicago: University of Chicago Press, 1971), 129.

<sup>53</sup> *Forty-Two Articles of Religion of the Church of England (1553)*: "XLI. Heretikes called Millenarii. They that go about to renewe the fable of heretickes called Millenarii, be repugnant to holy Scripture, and cast themselves headlong into a Jewish dotage." Quoted in Bryan W. Ball, *A Great Expectation: Eschatological Thought in English Protestantism to 1660* (Leiden: Brill, 1975), 244-5. *Second Helvetic Confession (1566)*: "Moreover, we condemn the Jewish dreams, that before the day of judgment there shall be a golden age in earth, and that the godly shall possess the kingdoms of the world, their wicked enemies being trodden under foot; for the evangelical truth (Matt. Xxiv. And xx.v, Luke xxi), and the apostolic doctrine (in the Second Epistle to the Thessalonians ii, and in the Second Epistle to Timothy iii. And iv.) are found to teach far otherwise." Philip Schaff, ed., *The Creeds of Christendom*, 3 vols. (1877. Reprinted, Grand Rapids, MI: Baker, 1993), 3:853.

<sup>54</sup> Decree of the Holy Office (1944): "Millenarianism (Chiliasm). In recent times on several occasions this Supreme Sacred Congregation of the Holy Office has been asked what must be thought of the system of mitigated Millenarianism, which teaches, for example, that

Christ the Lord before the final judgment, whether or not preceded by the resurrection of the many just, will come visibly to rule over this world. The answer is: The system of mitigated Millenarianism cannot be taught safely.” In Henry Denzinger, *The Sources of Catholic Dogma* (St. Louis, MO: B. Herder Book Co., 1957), 625. *Catechism of the Catholic Church*, 2<sup>nd</sup> ed. (1997): “The Antichrist’s deception already begins to take shape in the world every time the claim is made to realize within history that messianic hope which can only be realized beyond history through the eschatological judgment. The Church has rejected even modified forms of this falsification of the kingdom to come under the name of millenarianism, especially the ‘intricately perverse’ political form of a secular messianism.” *Catechism of the Catholic Church*, 2<sup>nd</sup> ed. (Vatican City: Libreria Editrice Vaticana, 1997), 177.



# Obras importantes para pesquisa...

## **A igreja primitiva e o fim do mundo**

- **Uma refutação da ideia de que a igreja primitiva desconhecia o Preterismo** -

César Francisco Raymundo, 35 páginas.

**Link:** [www.revistacrista.org/literatura\\_Revista027.html](http://www.revistacrista.org/literatura_Revista027.html)

## **A Segunda Vinda de Cristo: Sem Ficção, Sem Fantasia!**

Compilação de César Francisco Raymundo, 172 páginas.

**Link:** [www.revistacrista.org/literatura\\_Revista007.htm](http://www.revistacrista.org/literatura_Revista007.htm)

## **A Ressurreição de Jesus Cristo**

- **é Ficção ou Fato Histórico Irrefutável?** -

César Francisco Raymundo, 35 páginas.

**Link:** [www.revistacrista.org/literatura\\_Revista011.htm](http://www.revistacrista.org/literatura_Revista011.htm)

## **A Escatologia pode ser Verde?**

Rev. Dr. Ernest C. Lucas, 29 páginas.

**Link:** [www.revistacrista.org/literatura\\_Revista013.htm](http://www.revistacrista.org/literatura_Revista013.htm)

## **A Grande Tribulação**

David Chilton, 148 páginas.

**Link:** [www.revistacrista.org/literatura\\_A%20Grande%20Tribulacao\\_David\\_Chilton.htm](http://www.revistacrista.org/literatura_A%20Grande%20Tribulacao_David_Chilton.htm)

## **A Verdade sobre o Preterismo Parcial**

César Francisco Raymundo, 77 páginas.

**Link:** [www.revistacrista.org/literatura\\_Revista015.htm](http://www.revistacrista.org/literatura_Revista015.htm)

## **A Ilusão Pré-Milenista**

- **O Quiliasmo analisado à luz das Escrituras** -

Brian Schwertley, 76 páginas.

**Link:**

## **Comentário Preterista sobre o Apocalipse**

- **Volume Único** -

César Francisco Raymundo, 533 páginas.

**Link:**

[www.revistacrista.org/literatura\\_Comentario\\_Preterista\\_sobre\\_o\\_Apocalipse\\_Volume\\_Unico.html](http://www.revistacrista.org/literatura_Comentario_Preterista_sobre_o_Apocalipse_Volume_Unico.html)

**Cristo Desceu ao Inferno?**

Heber Carlos de Campos, 46 páginas.

**Link:** [www.revistacrista.org/literatura\\_Revista016.htm](http://www.revistacrista.org/literatura_Revista016.htm)

**Crítica do Preterismo Completo**

Philip G. Kaiser, 27 páginas.

**Link:** [www.revistacrista.org/literatura\\_Critica%20do%20Preterismo%20Completo.htm](http://www.revistacrista.org/literatura_Critica%20do%20Preterismo%20Completo.htm)

**Heresias do Preterismo Completo**

César Francisco Raymundo, 56 páginas.

**Link:** [www.revistacrista.org/literatura\\_Revista014.htm](http://www.revistacrista.org/literatura_Revista014.htm)

**Dispensacionalismo**

**Desmascarando o Dogma Dispensacionista**

Hank Hanegraaff, 49 páginas.

**Link:** [www.revistacrista.org/literatura\\_Revista020.htm](http://www.revistacrista.org/literatura_Revista020.htm)

**Uma Refutação Bíblica ao Dispensacionalismo**

Arthur W. Pink, 42 páginas.

**Link:**

[www.revistacrista.org/literatura\\_Dispensacionalismo\\_Arthur\\_Pink.htm](http://www.revistacrista.org/literatura_Dispensacionalismo_Arthur_Pink.htm)

**Dispensacionalismo (Lista de Passagens da Escritura)**

Nathan Pitchford, 29 páginas.

**Link:**

[www.revistacrista.org/literatura\\_Dispensacionalismo\\_Lista%20de%20Passagem.htm](http://www.revistacrista.org/literatura_Dispensacionalismo_Lista%20de%20Passagem.htm)

**JESUS – A Chave Hermenêutica das Escrituras**

Eric Brito Cunha, 46 páginas.

**Link:** [www.revistacrista.org/literatura\\_Jesus\\_a\\_Chave\\_Hermeneutica.htm](http://www.revistacrista.org/literatura_Jesus_a_Chave_Hermeneutica.htm)

**Léxico do Grego do Novo Testamento**

Edward Robinson, 1014 páginas.

Tradução: Paulo Sérgio Gomes.

Edição em língua portuguesa © 2012

por Casa Publicadora das Assembleias de Deus.

Todos os direitos reservados.

**Mateus 24 e a Vinda de Cristo**

César Francisco Raymundo, 110 páginas.

**Link:** [www.revistacrista.org/literatura\\_Revista023.html](http://www.revistacrista.org/literatura_Revista023.html)

**Mateus 25 e o grande Julgamento**

César Francisco Raymundo, 30 páginas.

**Link:** [www.revistacrista.org/literatura\\_Revista024.html](http://www.revistacrista.org/literatura_Revista024.html)

### **O Padrão Éden**

Jair de Almeida, 31 páginas.

**Link:** [www.revistacrista.org/literatura\\_Revista022.html](http://www.revistacrista.org/literatura_Revista022.html)

### **O Universo em Colapso na Bíblia**

**– eventos literais ou metáfora poderosa?**

Brian Godawa, 29 páginas.

**Link:** [www.revistacrista.org/literatura\\_Revista017.htm](http://www.revistacrista.org/literatura_Revista017.htm)

### **Pós-Milenarismo PARA LEIGOS**

Kenneth L. Gentry Jr., 92 páginas.

**Link:** [www.revistacrista.org/literatura\\_pos\\_milenarismo\\_para\\_leigos.htm](http://www.revistacrista.org/literatura_pos_milenarismo_para_leigos.htm)

### **Predições de Cristo**

Hermes C. Fernandes

**Link:** [www.revistacrista.org/Revista\\_Dezembro\\_de\\_2011.htm](http://www.revistacrista.org/Revista_Dezembro_de_2011.htm)

### **Refutando o Preterismo Completo**

César Francisco Raymundo, 112 páginas.

**Link:** [www.revistacrista.org/literatura\\_Revista010.htm](http://www.revistacrista.org/literatura_Revista010.htm)

### **Sem Arrebatamento Secreto**

**– Um guia otimista para o fim do mundo –**

Jonathan Welton, 223 páginas.

**Link:** [www.revistacrista.org/literatura\\_Sem%20Arrebatamento%20Secreto.htm](http://www.revistacrista.org/literatura_Sem%20Arrebatamento%20Secreto.htm)

### **70 Semanas de Daniel**

Kenneth L. Gentry, Jr., 35 páginas.

**Link:** [www.revistacrista.org/literatura\\_Revista012.htm](http://www.revistacrista.org/literatura_Revista012.htm)



## Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

### Doe via depósito bancário

**Banco:** Caixa Econômica Federal  
**Em favor de:** César Francisco Raymundo

**Agência:** 3298  
**Operação:** 013  
**Conta:** 00028081-1

### Usfrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

Para acessar todos os artigos e escolher o tema de sua preferência, basta acessar:

[www.revistacrista.org/artigos.htm](http://www.revistacrista.org/artigos.htm)

Nossos e-book's com temas específicos podem ser encontrados neste link:

[www.revistacrista.org/literatura.htm](http://www.revistacrista.org/literatura.htm)

As revistas, por ordem mensal e ano, podem ser acessadas aqui:

[www.revistacrista.org/edicoes.htm](http://www.revistacrista.org/edicoes.htm)

Temos também excelentes vídeos explicativos sobre escatologia, divididos em diversos temas:

[www.revistacrista.org/videos.htm](http://www.revistacrista.org/videos.htm)

Caso ainda haja dúvidas, estamos disponíveis todos os dias para servi-lo no endereço:

[www.revistacrista.org/contato.htm](http://www.revistacrista.org/contato.htm)

E-mails:

[ultimachamada@bol.com.br](mailto:ultimachamada@bol.com.br)

[contato@revistacrista.org](mailto:contato@revistacrista.org)